

**Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro**

**Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura  
e Sociedade (CPDA)**



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a  
agricultura**

**Área Temática: Negociações Internacionais**

**Período de Análise: 01/02/2015 a 28/02/2015**

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico  
Jornal O Globo  
Jornal Estado de São Paulo  
Sítio eletrônico do MDS  
Sítio eletrônico do MDA  
Sítio Eletrônico do MMA  
Sítio eletrônico do INCRA  
Sítio eletrônico da CONAB  
Sítio eletrônico do MAPA  
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior  
Sítio Eletrônico da Fetraf  
Sítio Eletrônico da MST  
Sítio Eletrônico da Contag  
Sítio Eletrônico da CNA  
Sítio Eletrônico da CPT  
Carta Capital

**Estagiária: Yohanan Barros**

## Índice

<b>Consumo de algodão volta a superar produção.</b> Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Colunistas. 05/02/2015 .....	3
<b>Brasil eleva oferta de alimentos, mas concorrência sobe.</b> Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Colunistas. 12/02/2015 .....	4
<b>Área menor de milho nos EUA pode ajudar Brasil.</b> Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Colunistas. 14/02/2015 .....	5
<b>Exportação agrícola dos EUA ao Brasil cai 16%.</b> Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Colunistas. 19/02/2015 .....	6
<b>Colômbia produz 10% mais café.</b> Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Colunistas. 20/02/2015 .....	7
<b>Tratores brasileiros vão contribuir para o desenvolvimento rural de Moçambique.</b> João Paulo Biage – Site do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). 23/02/2015 .....	8
<b>Brasil leva conhecimento popular e ciência à conferência da ONU.</b> Letícia Verdi – Site do Ministério do Meio Ambiente (MMA). 27/02/2015 .....	9

## **Consumo de algodão volta a superar produção. Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Colunistas. 05/02/2015**

Pela primeira vez em cinco anos, o consumo mundial de algodão vai superar a produção. Uma boa notícia para o setor, não fosse o grande estoque mundial, que atinge 87% da demanda.

A produção de algodão de 2015/16 será de 24,6 milhões de toneladas, 6,5% menos do que na anterior, segundo o Icac (International Cotton Advisory Committee).

Já o consumo mundial sobe para 24,7 milhões de toneladas, 1,6% mais do que em 2014/15. Mesmo com essa recuperação do consumo, os técnicos do Icac dizem que os preços do algodão deverão permanecer baixos.

Preços menos atrativos deverão provocar uma redução da área mundial plantada, estimada em 31,6 milhões de hectares. Na safra 2014/15, foram 33,5 milhões de hectares.

A Índia, pela segunda safra consecutiva, será a líder mundial na produção. Os indianos vão reservar 11,6 milhões de hectares para o plantio de algodão, 5% menos do que em 2014/15. A produção será de 6,5 milhões de toneladas, ante 6,8 milhões no período anterior, segundo o Icac.

A China, que da safra de 2011/12 à de 2013/14 sempre manteve produção superior a 7 milhões de toneladas, deverá produzir apenas 5,7 milhões em 2015/16, o menor volume desde o de 2003/04.

Os preços pouco atrativos também afetam a intenção de plantio nos EUA, terceiro maior produtor mundial. A área será reduzida em 10%, para 3,6 milhões de hectares. Já a produção cai para 3,3 milhões de toneladas, 7% menos do que em 2014/15.

A área de plantio no Brasil na safra 2014/15 fica em 996 mil hectares, 11% menos do que na anterior, segundo a Conab (Companhia Nacional de Abastecimento). A produção também recua 11%, para 1,5 milhão de toneladas.

Dados do Imea (Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária) indicam que a área de Mato Grosso cai para 568 mil hectares, com produção prevista de 876 mil toneladas. Ambas ficam 12% inferiores às da safra 2013/14.

O Usda (Departamento de Agricultura dos EUA) aponta que a China é um dos motivos dessa redução dos preços.

Os chineses vão importar 1,5 milhão de toneladas na safra 2014/15, um volume bem inferior ao que vinham importando. Na safra 2011/12, as compras externas da China atingiram 5,3 milhões de toneladas.

Os estoques chineses, que estavam em 2,3 milhões de toneladas em 2010/11, estão em 13,8 milhões nesta safra.

---

## **Brasil eleva oferta de alimentos, mas concorrência sobe. Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Colunistas. 12/02/2015**

A situação econômica do Brasil continua incerta, e os caminhos a serem trilhados voltam a ser tortuosos, como os de há duas décadas.

No campo agrícola, no entanto, o cenário é outro. O país vai continuar perturbando os demais produtores mundiais, inclusive os gigantes como Estados Unidos e União Europeia.

É o que mostram estimativas de longo prazo para os setores de grãos e de carnes feitas pelo Usda (Departamento de Agricultura dos EUA).

A demanda por alimentos continuará aquecida nos próximos dez anos, o que exigirá novas áreas de produção. O Brasil está entre os que poderão elevar a oferta.

A área agrícola deverá subir dos atuais 934 milhões de hectares para 982 milhões em 2024, com evolução média anual de 0,5%. A partir da safra 2015/16, por exemplo, o Brasil tomará, em definitivo, a dianteira nas exportações de soja, desbancando os norte-americanos.

O volume brasileiro daquela safra superará, pela primeira vez, 50 milhões de toneladas exportadas, na avaliação do Usda. Em 2024, o país liderará as exportações mundiais de soja, somando 69 milhões de toneladas, ante 50 milhões dos EUA.

Detentor de 33% do mercado mundial das exportações, o Brasil terá 37% de participação nas exportações da oleaginosa em 2024. Na outra ponta, os norte-americanos terão uma redução de 31% para 26% desse mercado no mesmo período.

A China continuará sendo a grande importadora. Sairá de um volume atual de 74 milhões de toneladas para 108 milhões em 2024.

Pelo menos 150 milhões de toneladas de soja em grãos vão ser comercializadas entre países produtores e exportadores.

A participação brasileira cresce também nas exportações de milho. O país sairá de um patamar de 19,5 milhões de toneladas do ano passado para 25,3 milhões em 2024, de acordo com o Usda.

As chances são boas para o Brasil também na área de carnes. A demanda mundial por frango vai crescer 2,2% anuais até 2024, enquanto a de carne bovina terá aumento médio anual de 1,3%. No mesmo período, o setor de carne suína terá crescimento médio anual de 1,2%.

Na avaliação do Usda, os custos de produção das carnes serão menores nos próximos anos, devido ao recuo nos preços dos grãos. Esse novo cenário de custos permitirá uma ampliação da oferta de proteínas.

A China, embora com crescimento econômico menor, estará à frente das importações, tanto de grãos como de carnes. Os chineses pisam no freio, no entanto, nas importações de arroz.

Embora o Brasil tenha participação garantida no mercado de grãos e de carnes na próxima década, vai encontrar novos parceiros nessa disputa. E terá de se preparar para esse desafio.

Investimentos agrícolas que vêm sendo feitos em diversos países vão elevar a competitividade no setor. Rússia e Ucrânia estão entre os que investem para obter uma ampliação interna de alimentos e elevar a participação externa, aponta o Usda.

---

### **Área menor de milho nos EUA pode ajudar Brasil. Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Colunistas. 14/02/2015**

Os norte-americanos vão diminuir a área de milho nos próximos dez anos, apesar da continuidade da demanda mundial por esse cereal.

É uma boa notícia para os produtores brasileiros, uma vez que o Brasil eleva a cada ano o volume produzido.

O não crescimento de área de plantio nos Estados Unidos não quer dizer que os norte-americanos vão diminuir a presença nesse mercado.

A participação deles virá via produtividade, um desafio que os brasileiros também terão de enfrentar.

Os EUA esperam produzir 11,6 mil quilos de milho por hectare, em média, na safra 2024/25 -próximo de 194 sacas. A produção atual é de 181 sacas por hectare, conforme dados do Usda (Departamento de Agricultura dos EUA).

Com o avanço da produtividade, os norte-americanos elevariam a produção para 383 milhões de toneladas por ano, aumentando as exportações anuais para 63,5 milhões de toneladas, 43% mais do que as do patamar atual.

Se essa meta prevista pelo Usda for concretizada, o país elevaria a participação no mercado mundial para 45%, ante os 39% atuais.

A expansão da demanda mundial de milho é uma oportunidade também para os produtores brasileiros. Na avaliação do Usda, o Brasil terá chance de manter um volume médio anual de 25 milhões de toneladas exportadas nos próximos anos.

O país teria de começar a traçar estratégias desde já para ganhar parte desse mercado, que terá crescimento maior na Ásia.

Os países asiáticos deverão importar 52 milhões de toneladas de milho em 2024, um volume 26% acima do atual. China e Indonésia estarão na dianteira.

O Brasil tem chance também de avançar na América do Sul. A importação dos países vizinhos crescerá 30% nos próximos dez anos.

Além do Brasil, a Argentina também é um grande fornecedor de milho na região, mas as exportações dos vizinhos deverão se manter nos patamares atuais de 15 milhões de toneladas por ano.

O Brasil tem de ficar de olho também na crescente demanda dos países da África Subsaariana, que deverá crescer 86% nos próximos anos. Esses países vão elevar as importações anuais para 4,1 milhões de toneladas de milho nos próximos anos.

O cenário é bom também em países cuja participação brasileira já é boa, como o Irã.

A China -e o Brasil tem um acordo bilateral para exportações desse cereal para os chineses- deverá elevar as compras externas para 7,2 milhões de toneladas em 2024.

---

### **Exportação agrícola dos EUA ao Brasil cai 16%. Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Colunistas. 19/02/2015**

Dois dos principais produtores e exportadores mundiais de alimentos, Estados Unidos e Brasil, têm pouco intercâmbio nesse setor.

Os norte-americanos terminaram 2014 com exportações recordes de US\$ 150,5 bilhões em produtos agrícolas.

Pouca coisa veio para o Brasil. Conseguiram colocar o correspondente a US\$ 1,4 bilhão em produtos agrícolas no mercado brasileiro.

Se somados outros itens relacionados à agricultura, como etanol e produtos florestais, essa soma vai a US\$ 1,7 bilhão, 16% menos do que em 2013, segundo dados do Usda (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos).

E esse comércio entre os dois países só se tornou mais intenso devido à dificuldade dos argentinos em suprir o Brasil com trigo, como faziam há poucos anos.

Em 2014, as importações brasileiras do cereal somaram US\$ 753 milhões, após terem atingido US\$ 1,24 bilhão em 2013, segundo o Usda.

Esse foi o maior gasto brasileiro na lista dos produtos importados dos EUA. O Brasil comprou 2,5 milhões de toneladas de trigo em 2014 nos EUA, o que o colocou como o terceiro maior importador mundial do cereal dos norte-americanos, atrás apenas de Japão e México.

Esse volume representou 10% das exportações dos EUA, que somaram 25,4 milhões de toneladas no período, segundo o Usda. Em 2013, o Brasil era o segundo maior importador dos EUA desse cereal, com participação de 12% nas exportações do país.

O outro destaque das importações brasileiras foram as compras de etanol, que somaram US\$ 266 milhões, o segundo item na lista.

Já o Brasil conseguiu no ano passado a maior receita financeira com as exportações para os Estados Unidos desde os anos de 1970. O período é longo, mas os números continuam curtos. As vendas externas nacionais somaram US\$ 4,8 bilhões, 4% das importações dos norte-americanos no setor de produtos agrícolas e de outros itens relacionados à agricultura.

Dois produtos brasileiros são constantes na lista das importações do norte-americanos: café e produtos florestais. A liderança é do café, cujas receitas do produto em grãos

foram de US\$ 1,33 bilhão no ano passado. Já as vendas de café torrado, moído e solúvel somaram US\$ 105 milhões.

Os produtos relacionados a floresta renderam US\$ 839 milhões, vindo a seguir hortifrutis e sucos, que atingiram US\$ 429 milhões.

*Milho* O Japão liderou as compras norte-americanas de milho no ano passado. O país asiático importou 12,5 milhões de toneladas do cereal, 91% mais do que em 2013. México e Coreia do Sul vieram a seguir.

*Recuperação* Os dados finais de 2014 indicam que os EUA voltaram a ocupar o espaço perdido nas exportações de milho no período da seca de há dois anos. As vendas totais do país somaram 49,5 milhões de toneladas, 107% mais.

*Soja* As exportações da oleaginosa também voltaram a se recuperar, com as vendas externas dos EUA subindo para 50,1 milhões de toneladas. China foi a líder nas compras, adquirindo 31,3 milhões. União Europeia e México vieram a seguir.

*Frango* O custo de produção do frango de corte teve alta de 6,23% no ano passado. Já os custos da produção de suínos tiveram variação de apenas 0,44% no período, conforme dados da Central de Inteligência de Aves e Suínos da Embrapa.

*Safra* Mato Grosso semeou 23% de área de milho, estimada em 2,8 milhões hectares. O levantamento é do Imae (Instituto Mato-grossense de Economia Agropecuária).

*Atraso* No mesmo período de 2014, o plantio já atingia 46% da área que seria destinada ao milho. Franciele Dal'Maso, da Aprosoja, diz que o clima atual contribui para a colheita da soja, o que facilita o plantio do milho.

---

## **Colômbia produz 10% mais café. Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Colunistas. 20/02/2015**

O Brasil volta a ter maior concorrência da Colômbia no café arábica no mercado internacional. O país vizinho produziu 1,1 milhão de sacas no mês passado, o maior volume para o período nos últimos sete anos.

Durante o ano passado, a produção colombiana de café atingiu 12,1 milhões de sacas, 10% mais do que a do período imediatamente anterior. Esse volume fica bem próximo do de 2007, antes da crise que começou a afetar a produção cafeeira do país.

Em 2007, os produtores de café da Colômbia haviam produzido 12,6 milhões de sacas, volume que recuou para apenas 7,7 milhões em 2012, segundo associações do setor.

Após a renovação de pelo menos 3,2 milhões de pés de café, os colombianos agora têm um cafezal mais jovem e mais resistente a doenças.

O aumento de produção no país vizinho, o terceiro maior produtor de café no mundo - atrás de Brasil e Vietnã-, permite aos colombianos aumentar a participação no mercado internacional.

A exportação de 2014 subiu para 11 milhões de sacas, 13% mais do que a de 2013.

Mesmo com esse crescimento, os colombianos ainda estão aquém da produção brasileira, que gira de 42 milhões a 47 milhões de sacas, levando em conta as diversas estatísticas do setor.

\*

*Crédito* O Santander aumentou em 23,1% o estoque de crédito ao produtor rural em 2014. O volume de financiamentos da modalidade na carteira do banco atingiu R\$ 2,38 bilhões no final do ano.

*Biodiesel* O Brasil produziu 3,41 bilhões de litros em 2014, 17,2% mais do que em 2013. O crescimento deve-se à elevação do percentual de biodiesel ao diesel de 5% para 6% (julho) e para 7% (novembro).

*Investimentos* A BSBIOS, a terceira do setor, e que produziu 314,3 milhões de litros, realiza investimentos para elevar a participação no setor, segundo Ézio Slongo. A unidade de Marialva (PR) eleva a produção para 208,8 milhões de litros neste ano, acima dos 186,3 milhões anteriores.

\*

*Produção da Argentina de trigo vai a 12 milhões de t*

A Argentina, tradicional fornecedor de trigo ao Brasil, deverá ter um volume maior do cereal para oferecer aos brasileiros. A produção dos argentinos, que chegou a cair para 8 milhões de toneladas há dois anos, deverá atingir 12,5 milhões de toneladas na safra 2014/15, segundo dados do Usda (Departamento de Agricultura dos EUA).

A Bolsa de Cereais de Buenos Aires prevê produção de 11,2 milhões de toneladas.

A ausência dos argentinos fez o Brasil buscar o trigo fora do Mercosul, principalmente nos Estados Unidos.

Neste ano, a oferta mundial do cereal aumenta. A produção mundial sobe para 725 milhões de toneladas, e os maiores aumentos virão da União Europeia (156 milhões) e da China (126 milhões).

---

**Tratores brasileiros vão contribuir para o desenvolvimento rural de Moçambique. João Paulo Biagi – Site do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). 23/02/2015**

Máquinas brasileiras, comercializadas pelo Programa Mais Alimentos Internacional do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), vão contribuir para o desenvolvimento da agricultura familiar de Moçambique. Já foram enviados para o país africano cerca de 250 tratores, em 84 contêineres. A chegada está prevista para março.

Outras máquinas e implementos agrícolas serão enviados. Ao todo, 513 tratores sairão do Brasil com destino Moçambique nesta primeira etapa (tranche).

Além de contribuir para o aumento da produtividade da agricultura familiar de outros países, a exportação de tecnologia, por meio do programa, movimenta a indústria brasileira de máquinas. “O Brasil é referência na produção de equipamentos agrícolas



destinados à agricultura familiar. São máquinas mais leves e menos potentes, adequados à realidade”, avalia o coordenador do Programa Mais Alimentos, Lucas Ramalho Maciel.

A transação foi possível após a emissão das cartas de crédito por parte do governo moçambicano em favor de exportadores de máquinas e implementos agrícolas.

#### *Mais Alimentos Internacional*

O Programa Mais Alimentos Internacional tem dois objetivos: estabelecer uma linha de crédito concessional para o financiamento de exportações brasileiras de máquinas e equipamentos destinados à agricultura familiar e fornecer apoio a projetos de desenvolvimento rural para o fortalecimento da produção da agricultura familiar por meio da cooperação técnica e do intercâmbio de políticas públicas.

Coordenado pelo MDA, o programa tem a participação de mais de 100 empresas brasileiras, que exportam para seis países: Zimbábue, Moçambique, Senegal, Gana, Quênia e Cuba.

O governo brasileiro já aprovou R\$ 1,2 bilhão em exportação de tecnologia de máquinas agrícolas, área em que o Brasil é referência mundial. A previsão é de que mais de 2,5 mil tratores sejam comercializados pelo programa. Além disso, mais de 60 mil equipamentos e máquinas agrícolas também serão usados nas lavouras dos países cooperantes.

---

#### **Brasil leva conhecimento popular e ciência à conferência da ONU. Letícia Verdi – Site do Ministério do Meio Ambiente (MMA). 27/02/2015**

*Diretrizes da participação brasileira foram elaboradas com base no diálogo entre pesquisadores e representantes da sociedade civil*

Juntar conhecimento tradicional com pesquisa científica pelo combate à seca e à desertificação. Essa será a tônica da participação do Brasil na 3ª Conferência Científica das Nações Unidas para o Combate à Desertificação, que será realizada em Cancun, no México, de 9 a 12 de março deste ano. As diretrizes foram definidas durante seminário que reuniu academia e sociedade civil em Campina Grande (PB), nos dias 25 e 26 últimos.

Segundo o diretor do Departamento de Combate à Desertificação do Ministério do Meio Ambiente (MMA), Francisco Campello, o objetivo da participação do Brasil na conferência da Organização das Nações Unidas (ONU) é valorizar a implantação das boas práticas de convivência sustentável com a semiaridez, por meio da produção sustentável na região – o que evita a degradação e, conseqüentemente, combate a desertificação. O Brasil será representado por três pesquisadores na conferência do México.

#### **ESTRATÉGIAS**

As diretrizes para a participação brasileira na conferência resultam das discussões ocorridas durante o seminário promovido pelo Instituto Nacional do Semiárido (Insa) e pelo MMA na Paraíba. Foram discutidas as estratégias de combate à desertificação,

degradação das terras e convivência com a seca, a partir do intercâmbio de conhecimentos científicos e tecnológicos com as práticas e saberes tradicionais.

Entre as estratégias, pode-se destacar: considerar a agroecologia como ciência e um processo de acumulação de conhecimentos e práticas locais pelas comunidades; realizar mapeamento, sistematização e divulgação de experiências e técnicas já consolidadas; promover o acesso à terra, à água e à biodiversidade da Caatinga como condição básica para construção da soberania alimentar e da resiliência; garantir financiamento às ações e ampliar os estudos sobre o uso sustentável da biodiversidade da Caatinga e sobre o manejo florestal sustentável.

O documento elaborado durante o seminário será ratificado em reunião da Comissão Nacional de Combate à Desertificação (CNCD), na próxima quinta-feira (05/03), em Brasília (DF). O Seminário Nacional Combate à Desertificação, Degradação das Terras e Convivência com a Semiáridade para Redução da Pobreza e um Desenvolvimento Sustentável, em Campina Grande, contou com a parceria da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) e o Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA Brasil).

**Coordenador**  
Sergio Leite

**Pesquisadores**

Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,  
Armando Fornazier, Catia Grisa, Claudia Job Schmitt,  
Fábio Luiz Búrigo, Georges Flexor, Jorge Romano,  
Karina Kato, Lauro Mattei, Leonilde Medeiros,  
Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf,  
Silvia Zimmermann, Valdemar João Wesz Junior

**Assistentes de Pesquisa**  
José Renato S. Porto

**Secretária**  
Diva de Faria



Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar  
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 - r. 214  
Fax: 21 2224 8577 - r. 217  
Correio eletrônico: oppa@ufrj.br  
Site eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa